

Revista da Freguesia de Touro

# buurel

SEMESTRAL  
DEZEMBRO 2023  
Nº6



FREGUESIA DE  
**Touro**

**Casa Pública 03 / Boa Sorte 04 /  
Tecelagem 14,16,18,22 /  
Fiador 28 / Herança 36 /  
Tear da Memória 38,40.**

## **Alfaiates**

### **Direção:**

Mário Jorge Morgado

### **Design:**

Ana Cristina Fernandes / newww.pt

### **Fotografia:**

Sérgio Pires - Outro Olhar Fotografia  
João Morgado

### **Edição e Textos:**

Amadeu Araújo

### **Impressão:**

Gráfica Diário do Minho

Burel, revista semestral, editada e produzida pela  
Junta de Freguesia de Touro.

Número 6, Dezembro de 2023  
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

## **Casa Pública**

# **Uma geografia pouco sentimental**

Estamos na Beira e temos caminhos. Que nos levam ao Côvo, ao Paiva, ao Vouga. E à Lapa. Esta Beira, se quisermos ser generosos, entre rios Douro e Tejo. Porém, a que nos importa é a Beira Alta. E o mapa desta Beira é uma geografia pouco sentimental.

Em 1514 o Touro, com Carta de Foral outorgado por D. Manuel I, integrou, com a Póvoa, o concelho de Vila Cova à Coelheira.

Passados 322 anos as lutas liberais empurram o Touro para Fráguas, no concelho de Castro Daire. Um ano antes, em 1883, é criado o concelho de Barreiras, que pisados 46 anos se transforma em Vila Nova de Paiva. E com ele segue o Touro.

Hoje que procuramos retomar esses Caminhos da Lapa, a geografia deixa-nos encurralados. O projeto é de monta, 400 mil euros, mas juntamos todos os povos que durante séculos peregrinaram à Lapa. Unidos, indiferentes aos concelhos, com a bandeira das Terras do Demo bem elevada. E erigida. É que o nosso projeto, que cruza o Caminho de Santiago, não pode ser candidatado, porque não está certificado. Não é elegível. Mas como podemos certificar o que não nos financiam?

Como é possível que o Turismo de Portugal não aproveite este património, ligado intrinsecamente aos itinerários do Caminho de Santiago e que não financie a sua certificação?

**Os Caminhos da Lapa  
precisam de melhorar  
e criar infraestruturas,  
manter vivas as aldeias  
ao longo do percurso,  
(...) juntar ao turismo  
religioso o de natureza.**

O Touro, Adomingueiros, Avesseira, Cerdeira, Laje Gorda, Póvoa e Viduinho, merecem mais.

E não desistimos. Pela Freguesia passam caminhos de peregrinação, como o do eixo sul norte, que ladeia Adomingueiros, o Touro a Cerdeira e a Póvoa.

Portas entreabertas que nos permitem quebrar o drama do despovoamento.

O pórtico para esta viagem é difícil. O projeto reúne duas comunidades intermunicipais, outras tantas comissões de coordenação e não é fácil vencer a burocracia para recuperar a sinalização dos Caminhos da Lapa, criar albergues, atrair peregrinos, rentabilizar as Terras do Demo. Unindo e congregando. Os Caminhos da Lapa precisam de melhorar e criar infraestruturas, manter vivas as aldeias ao longo do percurso, dar-lhes subsistência, empregos, juntar ao turismo religioso o de natureza.

Vasculhámos os percursos, estamos a promover estudos, temos uma grande vontade e iremos conseguir certificar os Caminhos da Lapa.

Caminhos com identidade própria, história antiga em carreiro velho. Perguntamos, como historiador, “qual aja de ser o caminho dos romeiros?”, para aquele que foi o mais célebre Santuário Mariano da Península Ibérica, logo a seguir ao de Santiago de Compostela. Estão os dois ligados. E a nossa vontade, a nossa candidatura trará, inequivocamente, benefícios ao povo das Terras do Demo, Touro incluído que em boa hora quis resgatar a memória. Para que a nossa autenticidade não se perca, repleta de histórias e de vivências. E para impedir que, tal como aquando da expulsão dos Jesuítas de Portugal, a Lapa se torne a Senhora Esquecida. Que retomemos, como descreveu o Padre Arnaldo Pinto, “não uma ilusão, mas algo de real a atrair, durante séculos, milhares de peregrinos a subir serra tão agreste como a da Lapa”.

Estão aí os caminhos, que a subida não seja penosa.

Eu respeito a nossa terra. — **(b)**

**Mário Jorge Morgado**

# Do Touro à Lapa, em caminhos de Fé e Amparo no cajado!

Texto: Amadeu Araújo

**Sair do Touro, em direção à Lapa, escutar a correnteza dos rios, olhar o verde dos lameiros, pressentir o silêncio do lugar, mirar as capelas e a Fé de um povo, galgar léguas e abalar, largar à desfilada, de cajado e mochila, alforge para os apertos da barriga. Esta é, hoje a modernidade, um longo passeio em que o turista se toma de religioso, ou a nossa alma de gandaieiro peregrina pelos caminhos velhos.**

Descobri-a sete anos depois de o Jorge Oliveira Pinto começar a escavar esta arqueologia humana, este mistério que faz sentido. Outros sete anos voltava por lá. É difícil resistir ao chamamento. Há, confesso, ali uma força que nos apela a ir, a caminhar, de andor ao peito. “Pela estrada matinal” é expressão do Mestre retirada do livro “arcas encovadas”. São assim os Caminhos da Lapa. Uma arca cheia de segredos, que em boa hora as freguesias, lideradas pelo Touro, decidiram repor. Bem sei as queixas, justas, do Touro. A Repartição burocrática que impede o progresso das aldeias deste Portugal único, vigente e viajante.

A peregrinação à Senhora da Lapa chega depois de Trento e rapidamente se tornou um concílio, todos “em rebanho” a subir à Lapa. Pelos vales, o Côvo, Paiva, ao alto a nascente do Vouga. Este um preâmbulo, ao jeito de Jerónimo Dantas de Machado, que aventou ao Mestre: “Aquilino, tens de escrever as tuas memórias porque, claro, há sempre quem deturpe as coisas e não saiba explicar como se passou, não é? E era preciso que a verdade viesse bem ao de cima, como as coisas se tinham passado”.

É isso que se está a fazer, com um Estado esquecido das suas obrigações e uma Freguesia que sabe bem o que tem dentro da arca. Como a Ostilina

Graciete, que do alto da varanda, na Póvoa, bem explicava “a multidão que se junta no caminho”, experiência de quem deu os primeiros passos em terras que já não são inóspitas, que semeiam economia e recolhem testemunhos. Mas ainda “rompem sandálias”. Volto à varanda da Ostilina e à “Providência de Nossa Senhora, que se ia ver para agradecer, pedir, orar rezar”. Este culto, esta peregrinação, o caminhar e a perseverança de tantos ainda se mantém, com a alforria de quem porfia. Mas é preciso cuidar e divulgar o que os Padres da Companhia de Jesus ajudaram a crescer. E transformaram uma pequena capela, colocada em 1498, naquele que ainda hoje é Santuário, mirado, percorrido e visitado.

O Touro é a última paragem do caminho que nos leva à estreiteza da gruta. De quem vai cumprir promessa, pagar obrigação, e com isso peregrina nessa busca incessante da indulgência. Que alguns teimam em confundir com indignância. Porém os Hospitalários bem marcaram a ida e a vinda. “Saíamos cedo, de merenda, pelos carreiros”, retoma Ostilina. “Virados a Soutosa, descer o rio, Lamosa e Lapa”. Alento, fraternidade, chegada. “Era uma alegria, fê, guiados pelas alminhas, nos cruzamentos e caminhos, passagem que percorríamos todos os anos e voltávamos confortados”, explica



**“Era uma alegria,  
fé, guiados pelas  
alminhas,  
nos cruzamentos  
e caminhos,  
passagem que  
percorríamos todos  
os anos e voltávamos  
confortados”**



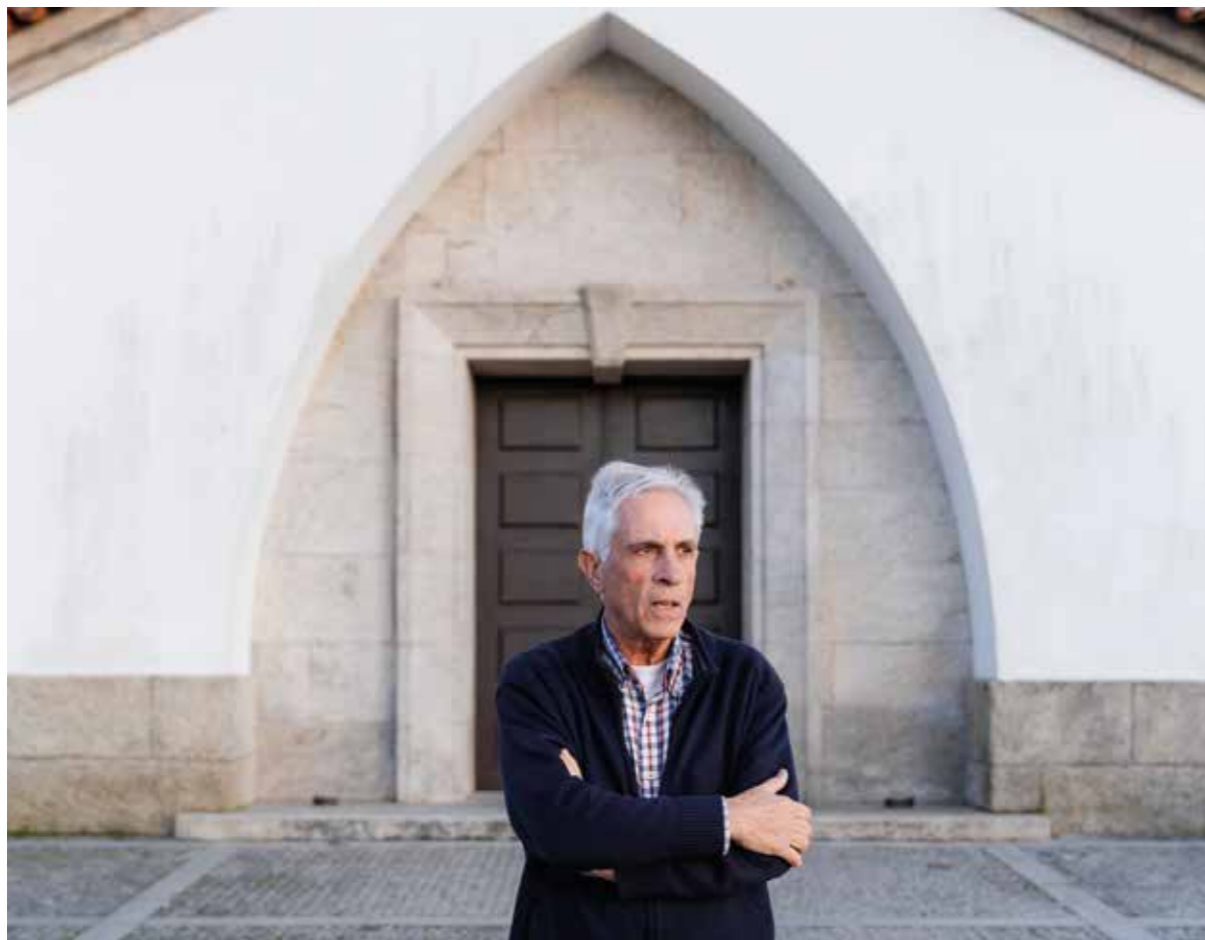
Ostulina, ainda na varanda, a olhar para lá da serra da Póvoa, o coração na Lapa, a lembrar os sinos a tocar, a alegria de passar mais um tormento e ter ali a nossa ajuda”.

Sim a Lapa ajuda os povos.

Tem até “senhor do Bom Despacho, fontes de chafurdo para saciar a sede de quem caminha”, conta-me o Jorge Oliveira Pinto. Um caminho que “em muitos trechos partilha o de Santiago, é vermos a concha, sempre a marcar, as porteiras e a Comenda da Ordem de Malta, a dar pousada a peregrinos”, diz o historiador.

A Lapa tem 525 anos e chegou a ser o maior Santuário Mariano da Ibéria, com peregrinos que viajavam de todo o mundo. Os caminhos que levam ao santuário foram abandonados com a expulsão dos Jesuítas de Portugal e ao longo dos últimos anos têm sido procurados os sinais que comprovam a sua existência.

Hoje, com 90 anos e a residir no Lar do Touro, o Padre Acácio Nunes, nascido em Segões e durante décadas pároco da Freguesia, conhece-lhes o “ritmo”. Este cuidador das almas, aponta as capelas que bordejam o caminho para mostrar “a devoção do povo”. Touro, Senhora do Amparo, Cerdeira, Póvoa, a travessia do rio em Soutosa, depois Lamosa e Lapa. Continuamos na serra, pelos caminhos que nos conduzem ao Santuário, a 915 metros de altitude, junto à nascente do rio Vouga.



“Nós vínhamos da aldeia e lá nos encontrávamos no cruzamento de Monteiras para Cujó”, recorda o Padre António Duarte, memória viva de 73 anos a paroquiar povos e, hoje, com assento no Touro. “O Touro era o ponto de passagem, a referência, depois a Póvoa, o rio e ao cimo a Lapa”. “Tempos em que os caminhos eram feitos a pé, até que chegou o dinheiro e as populações começaram a alugar autocarros”, explica o prelado. Ainda assim, tal como antes, “são muitos que vão a pé”. Quando “ia com a família, às cinco e meia estávamos no caminho, bornal e merenda para comer em Lamosa e no regresso, o almoço ou lanche”. E a mãe do Padre António “ainda fez algumas novenas, ficava no Santuário os nove dias e dormia lá, trocávamos os milhos pelo descanso numa casa”.

A existência destes caminhos nunca foi posta em causa, nem pelo povo, nem pelas autoridades

eclésiásticas. Faltava a bússola, que Jorge Oliveira Pinto outorgou, ao fim de mais de uma década de labor. E assinalou os caminhos em cartas militares.

O percurso vai pelas penedias do granito, pelas giestas e pinheiros, ainda assomam alguns carreiros, outros são trazidos à colação. Ajudou, pouco depois de 1640, o Cabido de Lamego apontar aos cônegos que as novas romarias, já não iriam por Compostela, mas pela Lapa.

Guardada por quatro miradouros, cruzeiros de templete. “Para nós são miradouros, um lugar elevado de onde podemos ver o caminho e marcados pelos santos ou pelas terras onde se guiam. Por tais caminhos chegavam os romeiros e os miradouros indicavam que o Santuário já se podia ver ao longe. E ali se armavam as procissões dos povos que chegavam”, revelam os 73 anos de José Santos, do Touro.

O Padre António Duarte recorda outra virtude da ida à Lapa, quando chegaram os autocarros: “o povo aproveitava, ia por Vila Chã da Beira, ao São Julião, nessas alturas a minha mãe aproveitava para me ir ver ao seminário de Lamego, só saía para as férias grandes, Natal e Páscoa, a peregrinação à Lapa é muito importante para as pessoas, um dia de festa, santo, que era também de descanso, orações”. Já o povo do Touro “ia pela Senhora da Saúde, na Fonte Arcada, acompanhada da Fanfarra que ia sempre à festa”, acrescenta Mário Morgado.

E quem ia pelos caminhos?

“Levava as bandeiras, a do Espírito Santo ia sempre porque era o padroeiro da Póvoa”, aponta José Santos. Andou pela lavoura, esteve em Paris 14 anos, a trabalhar nas obras e no que aparecia. Ocupado a tratar das burocracias da casa, na companhia do irmão e da esposa, a memória de José Santos está viva e fresca. “O cruzeiro a indicar o caminho, passávamos um troço bravio do rio, muitas vezes a pé, duas horas de caminho”. Umhas ocasiões “fora das peregrinações, mas no 10 de junho lá estava e no 15 de agosto, quando o pessoal era quase todo emigrante, voltava”. “Fazíamos o caminho a pé, a cavalo nas burras, grupos de 5 a 10 pessoas, levava as bandeiras, seguíamos pelo carreiro da Póvoa, sabíamos os caminhos, os cruzeiros a marcar a serra, naquela época os carreiros arranjados, se fosse agora ninguém passava”.

“Dias de Fé, de brincadeira, de encontro, descanso das labutas, a procissão de velas em honra de Nossa Senhora”.

E “povo, muito povo, centenas de pessoas e a linda imagem da Virgem, encontrada pela pastora”. O dez de junho “será, talvez a maior peregrinação, começa logo no primeiro dia do mês, com a novena, e depois o feriado, o dia de Portugal a abençoar o caminho feito, umas vezes em grupo, outras sozinho”, prossegue José Santos.

**“O cruzeiro a indicar o caminho, passávamos um troço bravio do rio, muitas vezes a pé, duas horas de caminho”.**



Pelas veredas, “velhos carreiros”, a primeira grande peregrinação do ano, “pessoas que iam a pé, cumprindo a tradição antiga”. O povo “lá se encontrava nos miradouros, antes de integrarem a procissão”.

Com eles seguiam também “as cruces das paróquias, peregrinos que mantêm viva estas andanças pelos caminhos, fê do povo a pedir alegria e saúde”. Assomos de peregrinações que José Santos “não esquece”. “Em agosto eram muitos os peregrinos, chegavam manhã bem cedo, pelos caminhos conhecidos, de todos os lados, e seguindo a tradição de se encontrarem nos miradouros, com bandeiras de todas as freguesias e depois a missa, junto ao Miradouro”. Já com “todas as bandeiras, cruces e velas em volta da Igreja”.

“Havia datas fora das peregrinações, em que as pessoas também iam”. O caminho pela Póvoa, em direção a São Martinho de Peva, “o Vale da Carreira, junto da Capela da Nossa Senhora da Aflição, Soutosa, atravessado o Paiva, lá íamos pelas corgas, córregos, até Lamosa e Lapa”, recorda José. “A procissão de entrada, com a Cruz e as lanternas, o andor de Nossa Senhora da Lapa, uma festa muito bonita”. E hoje ainda se vai a pé? “Já são poucos, o automóvel tornou a ida mais fácil, houve tempos

## Boa Sorte

em que até o padre Antônio ia pelos caminhos, alguns carreiros não são os mesmos, eram tempos alegres, mais alegres do que agora, a cantar uns com os outros, confiança, amizade, pureza”.

A mãe de José Santos “fazia a novena, lá alugavam umas casitas, 200 escudos por esses 9 dias, de manhã à noite a rezar e depois o grande dia, as bandeiras para erguer”.

“O dia 10 como que coroa a novena”, revela José Santos que recorda “as cores, as cruces, as insígnias de cada lugar, juntos na procissão de Nossa Senhora”. E depois, “a merenda, forças retemperadas e lá íamos descer a serra, até à Póvoa, satisfeitos e felizes, já a ver a casa no Touro”. O Padre Acácio Nunes, que mandou alargar a capela da Póvoa, anota outro costume. “Cada freguesia ia à Lapa num dia ou noutra, as crianças iam sempre na cruzada eucarística, na 2ª feira de Páscoa, em romaria”. O Padre estima que terá sido em criança “a primeira memória da Lapa, os pinhais, carreiros, e lá ia a cavalo, numa égua”. Descobrir o caminho é persistência. Fé.

Oliveira Pinto refere que “8 semanas depois da Páscoa, os peregrinos fazem um dos percursos mais antigos rumo ao Santuário da Lapa, passando primeiro pelo Santuário do Senhor dos Caminhos, em Rãs, no concelho de Sátão”. Os sinais “estão escondidos no mato, outros mudaram de lugar e são as verdadeiras testemunhas que comprovam a existência dos caminhos”, atesta Oliveira Pinto, que durante décadas recolheu os testemunhos orais do povo, dos serranos, se me não levarem a mal o orgulho que tenho destas populações.

Paulo Neto, diretor da revista literária ‘Aquilino’ confirma que “a Lapa tinha os caminhos da fé que eram romarias com um misto de sagrado e de profano, vinham de norte, do centro, do Sul e estão bem retratados em ‘Terras do Demo’”, obra de Aquilino Ribeiro. O Mestre escreveu “o frenesi de meter com sol à festa que o mês de agosto não tinha melhor que a Senhora da Lapa”.

À volta os miradouros: “a poente está o Miradouro da Senhora da Piedade, ou de Lamego, a nascente, o miradouro da Senhora da Guia, ou Trancoso, a norte, o de São Tiago, ou de Forca e a Sul o de S. Domingos, ou de Aguiar da Beira”, descreve o padre José Amorim, em livro de 2006.

“Por tais caminhos chegavam os romeiros e os miradouros indicavam que o Santuário já se podia



ver ao longe”, complementa Jorge Oliveira Pinto. E ali “se armavam as procissões dos povos que vinham com cruz e bandeira”, refere Mário Morgado. Memória viva, o miradouro na rua Central de Touro, e na Capela da Senhora do Amparo o “último ponto de apoio aos peregrinos”, que funcionava sob a égide da Ordem Hospitaleira de Malta.

“As cruces na Senhora dos Aflitos ou um simples cruzeiro na Capela da Senhora da Aflição são outras garantias da existência destes caminhos antigos e esquecidos”, aponta o autarca que quer aproveitar estas vias, nada sinuosas, para prosperar as terras e os povos.

A lembrar tempos idos em que “durante séculos, as crianças de toda esta região, ainda ao colo de suas mães, aprendiam os caminhos que iam dar à Lapa”.

Turismo, religioso, de peregrinação ou de andarilho, tirar partido do património imaterial em que o Touro, e as Terras do Demo são férteis. A Lapa é uma pedra de granito, formando uma gruta que,

por estar protegida, terá servido de refúgio à imagem de Nossa Senhora que dá nome ao Santuário. Aonde todos querem chegar.

Tradição antiga revela que os estudantes de Coimbra dedicavam as teses a Nossa Senhora da Lapa, a quem pediam proteção. Até Aquilino, que estudou em Beja, lhe agradeceu. E eu, sentado na Casa das Trutas, ouço Ana Nunes, contar que “o queijo da Lapa era espalmado para caber no bornal, mais o pão do Espírito Santo, ou

Alvo, porque, afinal, o Espírito sopra onde quer!”. Temos assim a responsabilidade de merecer esta herança, de estar atentos a todos os produtos que tenham potencial económico e turístico.

Fortuna antiga, diz Jorge Oliveira Pinto que os caminhos se fundaram nos “Eixos Romanos e Alto Medievais em 1498 e que foram evoluindo para carreiros e atalhos”. Os sinais associados são “losangos, bifurcação, oitavado ou octogonal e hexagonal”. Há ainda “Moroços ou Morouços”, pequenos amontoados de pedras e os apoios nos

## **“(…) a Lapa tinha os caminhos da fé que eram romarias com um misto de sagrado e de profano, vinham de norte, do centro, do Sul e estão bem retratados em ‘Terras do Demo’”**

caminhos, as chamadas “carreiras”. Mesmo já em pleno século XXI “pisar aquele lugar é como que um reencontro com esses séculos que já passaram, o reavivar dos múltiplos milagres da Senhora que deu fala à Pastorinha muda e acompanhou os nossos marinheiros nas Descobertas”, descreve Oliveira Pinto.

Um passado “bem enraizado por diversas gerações cujas vozes aquelas pedras graníticas gravaram, e hoje nos contam como foi há cem, cento e vinte, duzentos, quinhentos anos atrás”, complementa o historiador. “Assim as queiramos ouvir e compreender”, pede Oliveira Pinto. E as aldeias da Lapa querem.

Jesuítas, marinheiros, a emigração, levaram longe o culto da Senhora da Lapa para o país e para o Brasil, Áfricas e Índias. E nisto, retomo essas “Arcas Encoiradas” para lembrar as poldras que atravessam os rios, as lajes, os carreiros, e como devemos aprender com estes Caminhos, de Fé, suor e alegria. Que são peregrinação e afeto de caminheiro, andantes e viandantes. E promessa cumprida no final da vereda. E recompensa para os gulosos com um cozido onde alvitram o melhor que a região tem.

Um generoso cozido, pingado a Verdelho, chouriça, morcela, farinheira e alheira. Batatas, cenoura e couves. Tudo do planalto, incluindo os enchidos e a carne do porco.



**“Durante séculos,  
as crianças de toda  
esta região, ainda  
ao colo  
de suas mães,  
aprendiam  
os caminhos  
que iam dar à Lapa”.**

No fim, queijo baixo, mel, guardados pela Lapa, e Amparo, Santo, que também é nosso. Um repasto de lâparos, uma coisa para valentes e poderosos. Senti-me que nem um abade, padre feito sacerdote, presbítero que deambulou pelos caminhos sem esquecer a Fé. A que nos salva. E ampara. Mai-lo cajado, para o fastio dos joanetes.

Que bem se faz o caminho, debaixo das árvores e dos castanheiros, aspirando as fragas, vendo as serranias e os rios. O Paiva e o Côvo. Mais o Vouga que goteja os lameiros. Cá vossemecês não sei, mas eu apreciei a jornada. E voltarei, pelos miradouros, para agradecer esta generosa viagem, trilho e passagem. Cumprir promessa, erguer bandeira e a cruz bem alta. “Se a partir de hoje, não sigo andando em teus caminhos Senhora, praticando e vivendo de acordo com o que aprendi, não terei chegado a lugar nenhum”. Estão vivos os Caminhos da Lapa! Haja cajado, bernal e vieira ao peito. E cruces, as que carregamos e as que nos orientam. Que nos penitenciam. — **(b)**

# Vamos à Novena da Lapa

Texto: Padre José Justino Lopes

**O Tio Malhadinhas, almocreve, natural da ‘velha Barrelas’, descreve segundo Aquilino no romance do mesmo nome, a Lapa como “desertos danados, fraga sobre fraga, penedos sobre penedos postos, ali, para purgatório do passageiro”. E, em “Andam faunos pelos bosques”, Aquilino chama à lapa “o píncaro mais agreste da Beira”.**

De facto, a Lapa, a uma altitude de 900 a mil metros, é um planalto frio, agreste e pobre. Deve a sua aura à perseguição do general mouro, Almançor, que, no ano 982, depois de conquistar Lamego, avança em direção a Trancoso e, por onde passa, destrói, viola e mata, obrigando algumas religiosas dum convento da região a fugirem e refugiarem-se na serra, abrigando-se na gruta. Para consolo e coragem levaram uma imagem de Nossa Senhora que veio iluminar a região. Não sabemos o que aconteceu às religiosas, mas a imagem foi encontrada, muitos e muitos anos mais tarde, pela pastora Joana que a Virgem agraciou com a cura da sua gaguez.

## O Santuário

Em 1576, foi confiada à Companhia de Jesus que, ao sentirem a afluência dos devotos, construíram estruturas. A residência para os padres residirem, instalações para acolhimento dos peregrinos e o santuário que alberga toda a penedia. Na gruta, debaixo dos penedos em forma de lapa onde se entra por uma quelhinha, levantaram um altar ornado com um frontal de prata lavrada onde se venera a

imagem da Senhora que ostenta uma coroa e um colar de prata e pedras preciosas oferecidos pelo nosso rei D. Pedro II. Os peregrinos entram na quelhinha e sujeitam-se, humildemente, ao teste dos seus pecados, exceto os homens da política, que, sub-repticiamente, disfarçam e não entram, talvez, devido ao peso de tantos pecados. O povo não, por isso canta:

“A quelhinha representa  
O caminho para o céu;  
Também este é estreitinho,  
Isso já bem o sei eu”.

## O Colégio

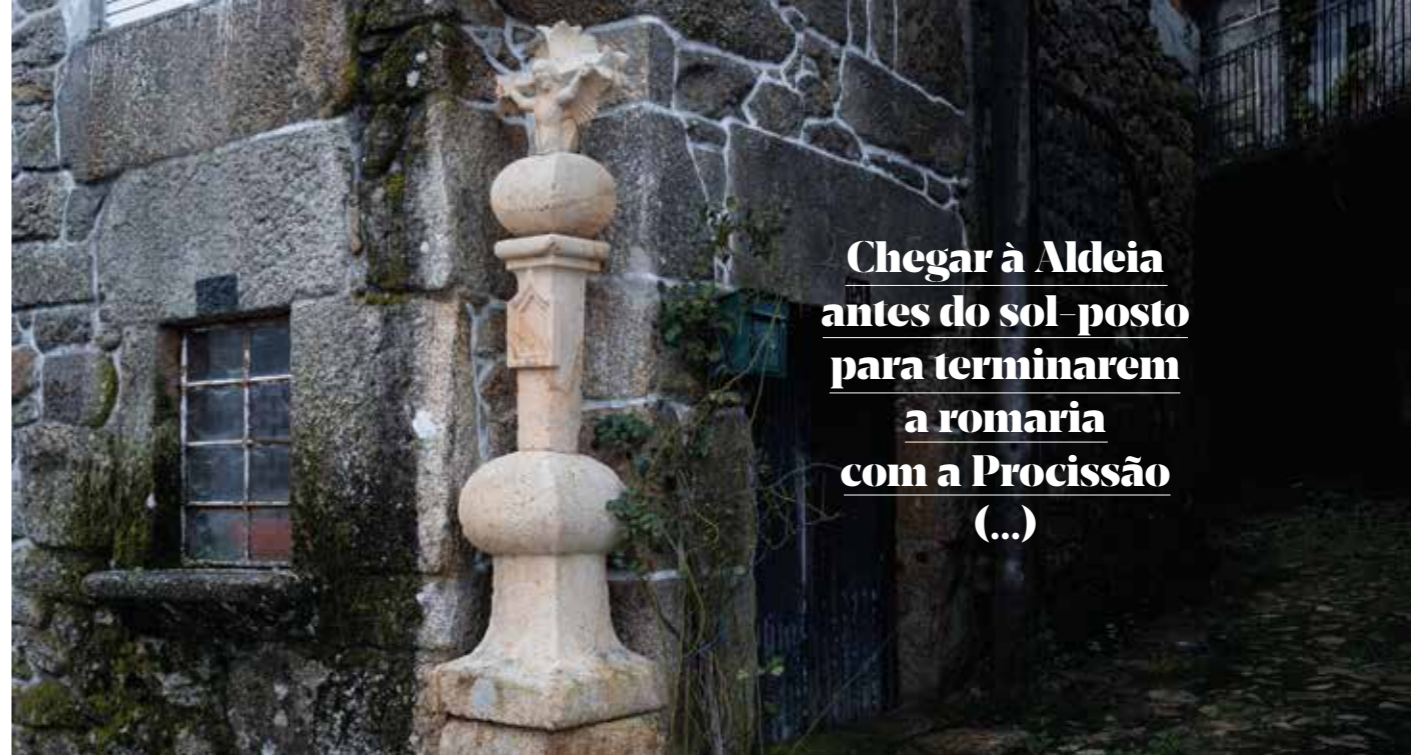
A par do Santuário sobressai a grandiosidade do colégio cuja primeira pedra foi benzida em 1685. Brotou do sonho do P. António Cordeiro, açoriano e lente da Universidade de Coimbra. Durou 30 anos a construir.

Tudo se esfumou, para mal da Lapa e da região, com a expulsão dos jesuítas em 1759 por ordem do todo-poderoso Marquês de Pombal que os odiava de morte. Dado ao Bispo de Lamego, o colégio reabriu em 1793 por onde passaram nomes sonantes como professores, Joaquim de Sousa Viterbo, António Ferreira, bispo de Viseu, Fonseca da Gama, Inocêncio Galvão, etc., e alunos com Aquilino Ribeiro. Fechou definitivamente em 1910 com a expropriação dos bens eclesiásticos.

## O Touro e as peregrinações

Expulsaram os Jesuítas, mas ficou a fé, a devoção, as novenas e as Peregrinações à Senhora da Lapa.

A peregrinação mais importante realizava-se na segunda-feira de Pentecostes. Vinham Procissões dos arceprestados de Resende, Castro Daire, Lamego, Tarouca, Armamar, Moimenta da Beira, Penedono, Sernancelhe, Aguiar da Beira e Vila Nova de Paiva. Vinham pedir a Bênção e proteção para as sementeiras e respetivas colheitas.



**Chegar à Aldeia  
antes do sol-posto  
para terminarem  
a romaria  
com a Procissão  
(...)**

Do Touro umas centenas de peregrinos saíam por volta das quatro horas da manhã. Muitos, sobretudo as crianças da cruzada, iam descalços para não romper os sapatos, quem os tinha. Os jovens mais fortes levavam, ao ombro, as lanternas e o pé da Cruz para a Procissão. Faziam uma direta com uma única paragem junto dum penedo, já perto da Lapa, onde os novitos encostavam as orelhas para ouvirem zoar o mar. E zoava quando o líder do grupo era pouco misericordioso.

As procissões começavam por volta das oito horas. Era uma beleza espiritual ver o desfilarem de milhares de devotos de olhos na sua Cruz Pa-roquial com guiões e bandeiras desfraldadas ao vento e respondendo devotamente, em coro: “Ora pro nobis, Orate pro nobis, Te rogamos audi nos, Libera nos Domine”, consoante pedia a Ladainha de Todos-os-Santos, cantada, a plenos pulmões, pelo senhor Abade de cada Paróquia. E nós, todos conchos, esperávamos os elogios vindos dum altifalante: “a Procissão do Touro vai muito bem organizada”.

Coroava o desfile processional, apesar da fome - o jejum era “desde a meia-noite, até à hora de comungar” - com a celebração da Santa Missa solene e demorada, presidida pelo senhor Bispo.

Por volta do meio-dia, formavam-se pequenos grupos para “matar a fome” atacando os farnéis saborosos, bem cheirosos e regados com boas pingas compradas numa taberna local.

Cumpriam-se as promessas familiares ou pessoais e organizavam-se os grupos de regresso ao som do cântico:

- “Adeus, Senhora da Lapa,  
Adeus, minha boa Mãe!  
Adeus, Menino Jesus  
Até ao ano que vem”.

\*\*\*

“Nossa Senhora da Lapa,  
Viradina ao poente;  
Se não fossem os milagres,  
Não viria tanta gente”.

O regresso é festivo e rapioqueiro, canta-se e dança-se e bebe-se - os adultos - no terreiro da povoação por onde se passa, só com uma preocupação: - Chegar à Aldeia antes do sol-posto para terminarem a romaria com a Procissão que se organizava junto à Cruz, no cimo do Povo, até à Igreja Paroquial repetindo o canto das mesmas preces.

A suspensão do Dia Santo, a forte emigração, o fim da agricultura, os horários dos trabalhadores, eclipsou as Procissões à Lapa na segunda-feira de Pentecostes, mas, em 1986, os Párocos do nosso arceprestado resolveram restaura-las escolhendo o feriado de 10 de Junho. E, pouco a pouco, as Paróquias estão a voltar mesmo as de longe. E, neste ano que celebramos os 525 anos da Lapa, o Papa Francisco premiou-a, escolhendo o seu Reitor para Bispo.

Voltemos à Lapa - à Novena e à Procissão. — (b)

# O senhor Professor, António Ferreira de Moraes Martins

Texto: Padre José Justino Lopes

**O nome Martins vem de Martim. Os nomes Martim e Martinho vêm de Marte, o deus romano da guerra. Martins é um genitivo de Martim. Para dizerem Martim filho de Martim, diziam Martins, Rodrigues (filho de) Rodrigo, Fernandes (filho de) Fernando, Lopes de Lopo, etc. Atualmente acrescentam a palavra júnior. António Júnior, Filipe Júnior, etc.**

O nome Martinho foi muito vulgarizado, no século VI, pelo Arcebispo de Braga, São Martinho de Dume, como homenagem e devoção a São Martinho de Tour, seu conterrâneo. Foi nessa época que foram construídas pequenas capelas ou colocadas imagens a São Martinho. Nós temos a capela de São Martinho. O Povo do Touro diz – Santo Sarmartinho, junção das duas palavras São Martinho – Santo São Martinho.

O nome Martins também se perde no tempo. O pai de Santo António chamava-se Martim (de Bulhões) e ele chamava-se Fernando Martins (filho de Martim) Taveira de Bulhões. O nome Martins (em Espanha é Martinez) está muito vulgarizado em Portugal, Brasil e Espanha. É muito comum no nosso concelho.

No Touro já o encontramos, vulgarizado, no século XVIII. Assim do casal Nicolau Moraes e Ana Clara Martins, nasceu uma filha, Maria Clara Martins que, por sua vez, casou com Joaquim Ferreira de Moraes.

Deste casal nasceram Ana, Maria Clara, e António Ferreira de Moraes Martins que foi Professor e casou com Ludovina Meses, pais do Cônego Alfredo Ferreira de Moraes Martins.

O António quando criança, teve uma doença que lhe paralisou uma das pernas ficando deficiente toda a vida. Por via disso, os seus pais, lavradores abastados, mandaram-no estudar e foi professor mas com a recomendação, sempre que pudesse, ajudasse economicamente, as irmãs. Já professor em Alvite, casou com Ludovina Ferreira Meses de Vila Nova de Paiva e tiveram dois filhos o Alfredo (o Cônego Alfredo Ferreira de Moraes Martins) e a Maria Ludovina.

A irmã do professor António, Maria Clara, “deixou-se enamorar por um rapaz pobre. Os pais, porém não consentiram o casamento, segundo o costume do tempo. Mas o rapaz estava tão apaixonado que emigrou uns anos para o Brasil, a fim de adquirir o pecúlio necessário e poder casar com

ela. Assim aconteceu, (...) casou com a Maria Clara Martins” (cfr. O jornal Luz da Montanha, Abril de 2002). O rapaz chamava-se António Clara Martins, avô do P. António Martins e bisavô dos “Pedros do Touro”.

“A D. Ludovina, mulher do professor, serviu de parteira de todos os sobrinhos quer do primeiro grau quer do segundo e o senhor professor foi o padrinho da maior parte deles. (jornal LM, Abril, 2002)”

O Senhor Professor, apesar de andar de muletas deslocava-se para todo o lado e era conhecido e respeitado em todo o concelho.

Era cumpridor do horário, incentivava as crianças a irem à escola (o ensino ainda não era obrigatório) e convidava os adultos a irem a sua casa para aprenderem a ler. Algumas pessoas “aprenderam a ler e a escrever num mês”. Grande professor e grande força de vontade dos aprendizes!

Foi professor em Alvite, Vila Nova de Paiva e Touro. Foi um grande promotor do ensino na região onde era muito respeitado.

Como era padrinho do Mons. António Martins Teixeira, entusiasmou-o a ir para o seminário: “Lembro a preocupação que ele tinha comigo, quando as classificações no Seminário de Resende não eram as melhores e, ainda durante as férias, o cuidado em aperfeiçoar a caligrafia” (P. Martins Teixeira in L da Montanha, Abril de 2002). Era ele quem lhe pagava a despesa no Seminário e, antes de morrer, pediu ao filho, o Cônego Alfredo, que lhe continuasse a pagar os estudos até acabar o curso.

O senhor professor António, sempre que surgissem questiúnculas, exercia o papel de advogado; era médico e enfermeiro, na pandemia de 1918-1921, a chamada febre espanhola e em outras doenças menos perigosas. “Toda a gente o considerava como uma figura carismática e única na Terra”.

O senhor professor morreu em 1944. — ①

# Antigos Caminhos da Senhora da Lapa, Passos Interpretativos

Texto: Jorge Oliveira Pinto

**Se era vulgar antigamente dizer-se que , “Todos os caminhos iam parar a Roma”, pelas nossas terras, seria mais correto afirmar-se que “que todos os caminhos iam dar à Senhora da Lapa”, local onde a Imagem da Senhora, depois de escondida entre penedos ao longo de 515 anos, foi encontrada pela pastorinha Joana, que era muda de nascença, e a quem a Senhora deu fala, no longinquo ano de 1498.**

Sabemos que, nessa época, mesmo sem haver rádios nem televisões, a notícia espalhou-se, rapidamente, pela Região, por todo o País, pela Espanha, e depois com a ajuda dos nossos homens das descobertas, e também pela acção dos jesuítas, acabou por se espalhar por todo o mundo lusófono.

E, assim, logo que a notícia se ia espalhando, dos quatro cantos de Portugal e também de Espanha começaram a afluír peregrinos, cotejando caminhos que se iam enchendo de gente á medida que se aproximavam deste local sagrado, onde os pedidos à Virgem se multiplicavam e os milagres se sucediam.

E dos quatro cantos de onde provinham, correspondiam, à chegada, a outros tantos “Miradoiros” que assinalavam as entradas para este “Espaço Santo”.

Em muitos casos, estes caminhos que já faziam parte da rede viária romana e alto-medieval, eram os mesmos já trilhados pelos peregrinos de S. Tiago, cruzando-se com estes, aproveitando, mesmo, os apoios já existentes nessa época.

Para uma melhor caracterização e estudo dos caminhos que pretendemos estudar neste trabalho, pegamos em 3 eixos nevrálgicos alto-medievais, em alguns troços coincidentes com vias romanas, devidamente marcadas com a sinalética iconográfica própria dos ancestrais Caminhos de Santiago, como se documentará caso a caso:

1 O EIXO SUL-NORTE

De Viseu - por Santiago da Esculca, Cavernães, Cepões, Côta, Vila Cova à Coelheira, Almofala, Tarouca, Lalim, Britiande, Lamego - Rio Douro

*conforme o descreve Pinho Leal no "Portugal Antigo e Moderno" (volume 1-1873/1890). Foi ao longo desta via (parte dela hoje quase desaparecida) que foi colocada a rede telegráfica entre Viseu e Lamego (entre 1850 e 1860).*

2 SUDOESTE-NORTE

Lafões, Caramulo, Castro Daire, Moura Morta, Mezio, Magueija - Rio Douro com travessia em barcaças

3 SUDOESTE (ou oriente) PARA NORTE

*correspondente ao velho e importante caminho romano que passava em*

Trancoso, Sernancelhe, Moimenta da Beira, Leomil, Passô (ou Paçô?), Britiande, Lamego, Barrô efetuando ali a travessia do Rio Douro em barcaças para Mesão Frio.

LAPA

Destes 3 eixos, o 1º e o 2º confluíam para a Lapa tendo como ponto de chegada o Miradoiro Oeste ( conhecido também por Miradoiro de Lamego ), e o 3º confluía para a Lapa tendo como ponto de chegada os Miradoiros de Nascente e do Norte (S. Tiago).

Confluência no Miradouro Oeste (ou de Lamego) Visto que este artigo se refere concretamente aos ANTIGOS CAMINHOS DA LAPA que confluíam para o Miradoiro Oeste, vamos debruçarmo-nos sobre os percursos dos peregrinos que se concentravam em Lamego (sede da Diocese e uma das cidades portuguesas de grande importância no passado). Seguiu pelo traçado da ancestral via Romana, por Britiande, Lalim, Tarouca, Teixelo (Várzea de Serra), passava ao lado de Bustelo e de Almofala e ao chegar à Cruz da Nave (uma grande referência no passado e agora desaparecida), tomava o rumo do Touro.

Do Touro seguia para o lugar a que os antigos chamavam "Alcaria de Bilheiros" (ou Bolheiros?). Era aqui, num local descampado, longe do "Campo Santo da Senhora", que se fazia um grande arraial na vinda da Romaria da Lapa, antes de se separarem as gentes que rumavam para Norte ( seguindo para o Touro- Tarouca -Lamego), e as que iam para o Litoral (por Vila Cova - Castro Daire).

Para quem vinha do Grande Porto, pelo Vale do Paiva, do Litoral, e confluía a Castro Daire, seguia por Farejinhãs, S. Joaninho, Pendilhe, Vila Cova à Coelheira, e dali para o referido lugar de Alcaria de

Bilheiros onde se encontra o Cruzeiro dos 3 Concelhos (antigos forais de Alhais, Peva-Pera Velha e Vila Cova à Coelheira -que então integrava aquela que é hoje a Freguesia de Touro). Dali seguiam já todos juntos para S. Martinho, Soutosa (freguesia de Peva), Lamosa (depois da travessia do Rio Paiva num pontão); a última etapa era a meta desejada - O Santuário de Nossa Senhora da Lapa, - através do Miradoiro Oeste (para o qual a Imagem na Gruta se encontra virada), também conhecido por Miradoiro de Nossa Senhora da Piedade, ou de Lamego, cuja construção é de 1626.

Fomos ainda pesquisar um outro caminho, ao qual afluíam gentes provenientes de Cinfães (pela Serra de Montemuro) ou mesmo de Norte (sobre-tudo nos tempos mais recuados) que vinham ter a Magueija (onde existia apoio junto da Igreja de S. Tiago). Dali vinham ter às Monteiras, Cujó (Senhor da Livração), Senhor da Piedade (Pendilhe) e vinham encontrar-se com o caminho proveniente de Lamego perto da Cruz da Nave, e dali seguiam para o Touro.

Nas rotas inseridas nesta fase de estudo, tanto Vila Cova à Coelheira (onde já passava a Estrada Romana e Medieval que ligava Viseu a Lamego) como o Touro, que desde os primórdios da Nacionalidade foram entregues à Ordem Militar de S. João de Jerusalém, dos Hospitalários (mais tarde conhecida por Ordem de Malta), foram pontos obrigatórios não só de passagem, mas também de apoio e de descanso para quem peregrinava

# Estes caminhos dos quais estamos a falar ainda se encontram todos, devidamente, sinalizados por cruzeiros graníticos, capelas, nichos, fontes...

à Senhora da Lapa, logo a partir de 1498. Para os peregrinos que vinham do Norte nas confluências de Lamego, Resende ou Cinfães, tinham o seu último apoio no Touro. Para os peregrinos que vinham do Litoral, nas confluências de Lafões, Castro Daire e Arouca tinham o último apoio em Vila Cova à Coelheira. (Se quisermos compreender melhor estabelecendo um paralelismo aos tempos atuais, correspondiam, em termos de distância, ao Barracão, para quem vai agora do Norte a pé para Fátima).

Gonçalves da Costa, na sua obra do "História do Bispado de Lamego", refere estes Albergues da Ordem Hospitalária "compostos de 3 moradias em pedra, dotados de palha ou cama para dormir, sal, mantimentos e lenha, bem como lojas ou pátios para resguardo dos animais" (cavalos e/ou jumentos). Segundo este historiador, em 1691 havia em Vila Cova à Coelheira, por conta da Comenda Magistral, 3 casas de pedra a funcionar como albergues; No Touro pelo menos uma (eu julgo que duas), junto do templete do Sr. do Amparo, onde se situa(va) o complexo paroquial

Estes caminhos dos quais estamos a falar nesta fase, que, como já dissemos, vão todos ter ao Miradoiro Oeste (de Lamego) ainda se encontram todos, devidamente, sinalizados por cruzeiros graníticos próprios, capelas invocativas (geralmente construídas num local onde antes, já existia um cruzeiro), nichos, fontes/fontenários, etc...

Nos seus percursos também aparece com frequência o topónimo "...Lapa".

Aliás, à medida que o Santuário da Senhora se aproximava, multiplicavam-se os atalhos e caminhos alternativos, alguns deles marcados, também, por cruzeiros com a sinalética própria dos antigos caminhos.

Mais difícil era ainda o regresso a casa para as pessoas de longe tendo de calcorrear os mesmos caminhos, também a pé, e já sem as merendas para o caminho. Valiam-se dos apoios que encontravam.

Com as construções das novas redes viárias por todo o país, sobretudo a partir do século XIX, muitos destes percursos foram-se afastando dos seus trilhos originais, adaptando-se às novas realidades que passavam a existir no terreno. Exemplo disso, foi a construção da Ponte metálica da Régua, inaugurada a 1 de Dezembro de 1872 que alterou significativamente algumas das rotas com travessia no Rio Douro, assim como a construção de outras pontes e estradas um pouco por todo o País e também nesta região. — (b)

**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:**

- "O Loreto Lusitano", P. António Cordeiro, 1718;
- "Portugal Antigo e Moderno", Pinho Leal (volume 1-1873/1890);
- "Memória do Rio para a Navegação da História do Douro", Gaspar Martins Pereira e Amândio Morais Barros (Janeiro de 2001)
- História do Bispado e da Cidade de Lamego, Dr Manuel Gonçalves da Costa, 1977/1986 (IV volume);
- "História do Santuário da Lapa", Manuel Gonçalves da Costa, (2000)
- Manuscritos de Aires Pinto Marcelino e António Pereira de Oliveira (1939/1940)
- Memórias Paroquiais de 1758 das diversas Paróquias da Região
- Informações colhidas no terreno junto de pessoas antigas (a partir de 1985).
- Monografias dos atuais Concelhos: Castro Daire, Moimenta da Beira, Sernancelhe, Tarouca,

NOTA: O autor não segue o AO em vigor.

# O Santuário e o Colégio da Lapa numa revisita aquiliniana

**Texto:** Paulo Neto, Director da revista literária “aquilino”

**Aquilino Ribeiro, não obstante se autoconsiderar agnóstico, é o escritor português do século XX que mais obras tem dedicadas à hagiografia e ao sagrado.**

**Alguns breves exemplos: “O Valeroso Milagre”, “S. Banaboião anacoreta e mártir”, “O Livro do Menino Deus”, “Andam Faunos pelos Bosques”, “Humildade Gloriosa”, “Dom Frei Bartolomeu – As três desgraças teológicas”, et al.**

Ademais, Aquilino Ribeiro que estudou durante meia década no Colégio da Lapa (1895/1900), passagem autobiograficamente efabulada em “Uma Luz ao Longe”, reiterava que a sua protectora “madrinha”, nos maus lances, era a N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Lapa.

O Santuário da Nossa Senhora da Lapa, nos seus cinco séculos de existência, orgulha-se da sua história, lenda e tradição e foi um dos locais de culto religioso mais afamados da Península Ibérica e até da Europa, e que mais crentes e peregrinos atraiu, conjuntamente com Santiago de Compostela.

Na sua origem lendária tem a invasão muçulmana comandada por Almansor (século X – ano de 982) e a fuga das monjas beneditinas de Sismiro ou Sermilo, freguesia de Pinheiro, Aguiar da Beira. O parco grupo de monjas que escapou às impiedosas garras dos invasores buscou refúgio perto da nascente do Vouga, entre fragas e cerros, levando consigo uma pequena imagem de Nossa Senhora, que esconderam debaixo de uma rocha ou lapa e onde permaneceu por cinco séculos, tendo sido descoberta em 1498 por uma juvenil pastora de nome Joana...

Daqui em diante os considerados “milagres” da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Lapa ecoaram por Portugal e além-fronteiras.

Aquilino Ribeiro é filho do Padre do Carregal, Joaquim Francisco Ribeiro, que oficiava, à época, na igreja do Espírito Santo, daquela localidade. Desde cedo e pelos dotes de inteligência mostrados é destinado a seguir a carreira eclesiástica, como o seu progenitor. Após os seus dez primeiros anos no Carregal, vai estudar para o Colégio da Lapa, durante os próximos cinco anos, daqui vai para o Colégio Roseira, em Lamego, passa por Viseu

## Tecelagem

a fazer Filosofia com o sobrinho do bispo Alves Martins e ingressa no seminário de Beja em 16 de Outubro de 1902, de onde sai em 7 de Novembro do ano seguinte por alegado “desajuste vocacional” e em conflito com o director e o prefeito, os irmãos Anã.

E regressamos ao Santuário da Lapa pelas palavras do Mestre, transcritas de “O Livro do Menino Deus”:

“O singular do santuário estava naquela estupenda mole de granito que, depois de estoirada, daria carga a um combóio recoveiro americano, e era sob as suas abas, como debaixo dum cogumelo, que se abrigavam estas divinas especiosidades. Entre ela e o côro, contra os balaústres do qual se apinhavam os rapazinhos cantores, estirava-se um grande vão. Êsse vão era alto, nu e abissal como trecho da imensidade sidéria.

Nu, o que se chama nu real, não o era efectivamente. Ao centro da nave, suspenso de cadeias, um jacaré empalhado, verde como as lagartas da horta, escancarava uma bocarra rúbida, rejuvenescida a zarcão. Mas à força de estar ali, quem lhe via já as patas a esgadanhar em falso, a cauda em estoque todo o seu ar pantafaçado de môsca morta?

Subiam-se uns degraus, que marcavam como que a atrofiação do transepto. Num dos altares laterais, legionários e judeus jogavam a túnica de Cristo, pregado no madeiro por cima deles. Noutra, Santo António com o menino parecia em seu talhe esbelto e na espiralidade das pregaturas alar-se aos páramos (...) Nesse altar, como o do Calvário assinaladamente obra dos santeiros de Braga, Cristo morto, um Cristo lívido e putrefacto à Zurbaran, erguia-se dos envoltórios tumulares no braço de Arimateia, com as santas mulheres de candil na mão e mantéus negros a chorar gordas lágrimas de cêra.

Às paredes da igreja, azulejadas, alegravam infinitos ex-votos, alguns estranhos e românticos como o palhaborde a arder no alto mar e o romeiro da cobra, metade dentro, metade fora da bôca.

(...)

No tope, à sombra da brutescapenedia é que o padre com os seus acólitos lançava o mote a que respondiam os mocinhos do côro com voz esgançada de galaripos. Eram quarenta, cinquenta, se tanto, vestidos a maioria de surrobeco e calçados de chancas. Seus pais, pequenos lavradores das redondezas ou fidalgos de meia tijela viam-se e de-

Artur Portela em entrevista a Aquilino Ribeiro, no Almanaque Bertrand, em 1946:

“É cristão ou pagão?  
– Pagão... pago tudo!  
– Que tal se dá com o padre de Soutosa?  
– Muito bem.  
Mas precató-me para que não leia os meus livros”.

sejavam-se para ratinhar ao escasso orçamento os 7.000 réis mensais com que custeavam os estudos dos pimpolhos. No geral andavam para padre, mas o Colégio, que guardava o título do tempo em que os jesuítas instituíram ali uma residência, habilitava para outras carreiras, em especial para doutor de leis.”<sup>1</sup>

Do interior, e pela mesma pena, passemos ao exterior e melhor não há do que uma transcrição de um gaio dia de romaria, que se cumpre a 15 de Agosto, assim descrito em “Terras do Demo”...<sup>2</sup>

“Quando chegaram ao miradouro, guarita que cobre da chuva um santinho sem nome e o viandante que passa, atalaia, com mais outros três, a caminhos que dão ideia de andar perdidos pelos oiteiros à cata dos povoados, o sol estava na agonia. A Lapa aparecia em baixo, a um arranco de cavalo, com o santuário de panos caiados a fraldejar, a casaria, pobre e alegre, de rojo para a Casa dos Jesuítas, grande e soturna, e o peso da gente que, lá em riba, subia e descia em mar-a-monte, num ruído de trabuzana.



Pelo braço da estrada fora rompiam em algazarra, bestas rinchonas caracolando e maltas de varapaus leva que leva. Lá adiante, no morrer da baixa, o melhor duma aldeia, harmónio fungando, cores a berrar, avançava em animado passo de dança. Sozinhos, chegados um ao outro, lá passavam dois casadinhos de fresco; bem se lhes via nos olhos muito mexidos o regalo de se mostrar. Tropicavam azeméis com velhos de capote e chapéu braguês para a nuca, e éguas de albarda com matronas de lenço de seda, peito coberto de oiro e tamanquinha de Viseu no bico do pé. Para aguentar o passo, outras mulheres tinham tirado as chinelas e com elas na mão, a par do sombreiro, ou à cabeça sobre o xaile, desunhavam-se todas tep, tep, tep. E lá seguia tudo a catrapós, no frenesi de meter com sol à festa que o mês de Agosto c’os seus santos ao pescoço não tinha melhor que a Senhora da Lapa, a rica Senhora da Lapinha.

Dali até o povo, em cada linha de rampa, os pobres eram mais que o cisco. Assentes sobre taleigos, os surdos-mudos pareciam marcos de

## A festa que o mês de Agosto não tinha melhor que a Senhora da Lapa, a rica Senhora da Lapinha.

baliza à espera que os distribuíssem pelos campos; já os entrevadinhos tinham avantado para o meio da estrada, sobre os cotos das mãos ou as pernas engatinhadas, algumas secas como cabos de faca, e deitavam a lamúria:

— Ó meus ricos senhores, dai a esmola ao aleijadinho! Olhaide para a minha triste sorte!

Outros, no meio de mondongos, punham ao léu as chagas cancerosas, mais roxas que as do Santo Cristo, e charqueiros de putreia onde bichos reboludos, de cinta branca, e a mosca vareja vasculhavam. E berravam que o céu tremia:

— Ó almas caridosas, dai cinco reisinhos ao desinfeliz!

Os ceguinhos de nascença, de olhos vidrados, gemiam uma cantilena lenta e interminável como a noite que os envolvia:

— Pela luz dos vossos olhos dai uma esmola ao ceguinho!

E os entrevados e enfezados, de cabeça de alambique e corpo menineiro, em caixas de petroline ou canastras de sardinha, ao lado de matulões barbaçudos, estendiam a mão a guinchar:

— Oh! tende dó, deixai uma esmola ao desgraçadinho!

Atrás deles, aqui e além, a dois tanganhos, a panela de badulaque fervia e, no vapor, passava a olha do despé rançoso, colhido em porta responsada a Sant’António.

— Por alminha de quem lá tendes, ó meus ricos senhores!

(...)

Chegados, porém, ao largo do pelourinho, que é a boqueira do povo, entre a gentiaga em vaganau, só se toscavam os pirangas, que trocaram o trabalho pela vida marota, e os zoratos fazem graçolas de mono e arremedam bandurras no varapau a que se encostam.

## Tecelagem

Já mal se rompia. Lá estavam as vareiras, com as chapeletas na caraminhola, de mangas arregaçadas diante das barricadas, sobre que abriam as pernas a verter águas, quando ao peixe fosse mister de molhanga. Atrás delas, os burros dos festeiros cis-mavam com o relvão saboroso de Maio, que já lá ia. Os adjuntos, mormente à porta da Miquelina, que não precisava pôr ramo, de caneca alçada beberri-cavam. Para a outra banda, os romeiros de longes terras empilhavam-se nas escaleiras do pelourinho e suas abas, nas cercanias da velha cadeia, tão velha que já nem se sabia quando guardara homem.

Entre eles nem ficava chão para cair um alfinete. E por estre estes e as vareiras, as maltas e ranchos cavalavam. Lá rompia o Granjal de lodo no ar, tau-tau, viva a rusga! Logo na cola, um harmónio gemia a caninha-verde, e os dançarinos, de rópia, em rijos saracoteios, vá de frente, vá de lado, batiam a terra a mata-cavalo.

— Auguinha fresca!

— Merca doces da Teixeira!

— Paulitos, fortes, e almirantes!

Era um dia de juízo. Esvaziavam-se para ali as terras de muitos concelhos. Ainda havia gente para a guerra em Portugal!”

Mais de um século volvido, esta romaria que entrelaça admiravelmente o sagrado e o profano, revive-se a cada dia 15 de Agosto, altura em que o município sernancelhense festeja a “Feira Aquiliana da Lapa” com cenografias, dramaturgias e cortejos remontando a 1900. Mas também se redive o Caminho de Torres, em percurso da Lapa até Santiago de Compostela e ao qual deu nome um catedrático salamantino, Diego Torres, aqui há três séculos exilado e peregrino deste caminho de 567 quilómetros.

Os caminhos da fé porfiam tempos afora em ser trilhados. As autarquias e as comunidades intermunicipais consagram-lhe atenção e fundos comunitários, cientes de que o turismo religioso é hoje uma fonte de atractividade transnacional. O Santuário da Lapa no decurso destes cinco séculos, não só atraiu um número imenso e inquantificável de peregrinos, como se tornou, na hodiernidade, uma fonte de riqueza espiritual, religiosa, cultural, patrimonial e material de quem o visita e dos territórios que o integram.

“Assente sobre a história e a tradição, como dois pilares, ‘o fenómeno Lapa’ não escapa a uma interpretação que possa oferecer resposta às tantas interrogações que aí se põem. Na fidelidade aos factos e às tradições, uma tal leitura interpretativa surge como um forte potencial de compreensão humana e religiosa daquilo que aí se narra, conta e celebra, na certeza de que não foi a Igreja que inventou a Lapa, mas foi a Lapa que se impôs na Igreja.”<sup>5</sup>

Caros leitores da revista “Burel”, aqui fica o desafio para uma visita ao Santuário e Colégio da Lapa, a orar e saudar a Senhora e o Menino Deus, passar pela esconso carreiro na lancha ou lapa rasgado, para ajuizar dos vossos escassos pecadilhos, visitar no Colégio o reabilitado quarto onde Aquilino “viveu” de 1895 a 1900, sem olvidar uma visita ao Museu do Ex-Voto, e sem deixar de mercar os saborosos queijos nas vendeiras do Largo e no café do Monge e o pão alvo, odoroso e saboroso, com águas do Vouga amassado.

Se não for pedir muito, leia “Terras do Demo” e “Uma Luz ao Longe”, de Aquilino Ribeiro, o primeiro em reedição da Bertrand com a FAR e os três municípios, Moimenta da Beira, Sernancelhe e Vila Nova de Paiva, e este último em colaboração com a autarquia de Sernancelhe. — **(b)**

<sup>1</sup> Seguiu-se a grafia da 1ª edição de 1945.

<sup>2</sup> Seguiu-se a reedição de 2019.

<sup>3</sup> Pinto Cardoso, A. – Santuário da Lapa História e Tradição, Alêtheia Editores, Lisboa, 2007.

NOTA: O autor não segue o AO em vigor.

**Os caminhos da fé porfiam tempos  
afora em ser trilhados.  
(..) aqui fica o desafio  
para uma visita ao Santuário  
e Colégio da Lapa, a orar e saudar  
a Senhora e o Menino Deus.**

## Fiador



Ana Nunes

Ana Nunes, natural de Moimenta da Beira, licenciada em Turismo pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e Doutoranda em Desenvolvimento Sociedades e Territórios, pela mesma Universidade é uma profunda conhecedora da Lapa.

Interessada pelas rotas e desenvolvimento regional prepara a fundamentação para a candidatura do Santuário de Nossa Senhora da Lapa a Património da UNESCO. Responsável pelo Secretariado da Reitoria e pela secção do Turismo e Acolhimento do Santuário é coordenadora do Museu Monográfico do Ex-voto e do Memorial do “Quarto Aquiliano”, no antigo colégio Jesuíta no lugar da Lapa. “Peregrinações: Miradouros, Carreiras, Carreiros e atalhos da Lapa, Sernancelhe” é uma das suas investigações.

# “O nativo da freguesia do Touro tem um conjunto de vínculos memoriais muito acentuados com o Santuário da Lapa!”

**A Lapa tem 525 anos e chegou a ser o maior Santuário Mariano da Ibéria, com peregrinos que viajavam de todo o mundo. Chegavam como e por onde?**

A Lapa este ano celebra 525 anos do seu Santuário enquanto destino professo de teor Católico Apostólico Romano. Antes disso, a Serra da Lapa, era denominada de `Monte Alábrer` (Celebração em árabe), e, desde sempre, foi percorrido por peregrinos que chegavam de todo o território conhecido enquanto “mundo”, fazendo já parte da rede viária romana (Ficheiro epigráfico 199:2020), e por todas as carreiras, carreiros e trilhos que à Lapa pudessem chegar.

Neste momento encontram-se em estudo os caminhos da Lapa desde o pré-histórico até ao século XVIII, mais propriamente até ao seu `vetusto` santuário. Existem movimentações ao longo de vários séculos. Temos conhecimento dos mesmos a nível documental e com vestígios no terreno.

Os estudos mais avançados sobre esses caminhos, a nível temporal estão mais centrados no século XVII, e a nível de território, Coimbra, Côa e Montemuro são os caminhos que estão mais adiantados a nível de investigação e estudo.

**Estes caminhos que levam ao santuário foram abandonados com a expulsão dos Jesuítas de Portugal?**

Não! Estes Caminhos da Lapa, também denominados `Caminhos de Fê` ou `Caminho Feminino`, nunca foram abandonados. Os jesuítas apenas os continuaram a utilizar, como já os utilizavam as Ordens Religiosas desde o tempo da Reconquista. Não podemos ser tão intelectualmente inocentes esquecendo que antes dos jesuítas tomarem conta dos destinos da Lapa, esta já era frequentada por peregrinos.

Nas mais variadas formas e com algumas alterações de rota, que também as houve, os seus primi-





tivos caminhos continuaram a ser utilizados até meados do séc. XX.

Com o asfaltar de alguns desses trajetos, convertendo-os em estradas oficiais, o aparecimento e utilização dos transportes, carro e camioneta, tornaram mais célere e confortável a forma de chegar à Lapa.

**Alguns historiadores mostraram, já este ano, os primeiros sinais que comprovam a sua existência. Não se trata de uma ficção?**

De todo! Os caminhos da Lapa não são ficção. Estes são muito reais, estando uma boa parte deles ainda sinalizados com as respetivas edículas. Detêm património humano e imaterial que os complementa. Esses caminhos ainda fazem parte da memória coletiva dos poucos nativos mais idosos que habitam por esses locais sinalizados. Infelizmente, corre-se o risco de

perder esse espólio, pois esse conhecimento está sobre a alçada da população mais idosa, autênticos guias do caminho, que devido à sua avançada idade vão-nos deixando sem efetuarem a passagem do testemunho.

As edículas, a sinalização do caminho, podem ser visionadas nos mais variados sítios; rochas, cruzeiros, fontes, muros e etc. Vão dando aos investigadores a possibilidade da aproximação temporal da sua utilização, consoante a sua forma ou desenho.

Até ao momento, as do século XVII são as que se visualizam mais no terreno. Por que isso acontece já foi encontrada uma explicação plausível.

Segundo Cunha: 2006,15; em 1640 “Já quase nada que era espanhol tinha boa fama, o Cabido de Lamego apontou aos seus cônegos que as romarias de Compostela e à Senhora de Guadalupe podiam ou deviam ser comutadas pela Senhora da Lapa...”. E se o Santuário da Lapa era já celebre, ainda mais se tornou.

**À volta do Santuário há quatro cruzeiros, chamados templete, construídos em finais do século XVII e que são estruturas quadradas, edificadas a 4 colunas, com um cruzeiro no interior e encimadas por uma cruz. Colocadas em pontos elevados, o povo passou a chamar-lhes miradouros. Porquê miradouros?**

Denominam-se “Miradouros” porque serviam para mirar para dentro do espaço territorial que circunscrevia o santuário.

Quando os peregrinos alcançavam algum deles conseguiam visionar o campanário da Igreja do Santuário. Assim, tinham a certeza, de ter chegado ao destino. Também sabiam que a partir de qualquer um dos miradouros, entrariam em território sagrado.

São 4 miradouros existentes nas mediações da Lapa e que se encontram no sentido dos pontos cardeais. Na memória dos crentes e romeiros deste santuário, ainda na atualidade, permanece viva a lembrança que os miradouros representam a “Porta Coeli” (Porta do Céu)!

Mas o nome mais correto para estes monumentos é “Cruzeiro Templete ou Baldaquino”, podendo encontrarem-se alguns, semelhantes aos da Lapa, nos mais variadíssimos caminhos do país. Tinha como função principal assinalar a passagem

**Que sinais são esses que marcavam o caminho a seguir?**

Existem sinais de vários tipos e formas. Como ainda não lhes foi atribuído um nome específico, pois detêm variadas formas e feitios, denominamos apenas por edículas. Consoante a sua configuração, intitulamos de “mais antigas ou mais recentes”.

**Alias os caminhos estão bem retratados em “Terras do Demo”, obra de Aquilino Ribeiro. Concorda?**

Aquilino Ribeiro detinha um excelente conhecimento dos caminhos sim. Sabemos que pessoalmente palmilhou alguns. Temos episódios seus, como o do seu esconderijo ou então das suas caçadas. Também não olvidamos que as suas obras são de uma descrição territorial muito presente. Não só a sua obra “Terras do Demo” retrata o conhecimento dos caminhos, mas também podemos revalidar esse conhecimento noutras obras como

o “Malhadinhas”, “Homem da Nave”, ou até no “Uma Luz ao Longe: Pág.11” (Émulo de Guadalupe ou do Bom Jesus). Todos os caminhos iam dar à Lapa, à Casa Mãe da Senhora da Lapa, em Sernancelhe. Numa perspetiva literária, outros escritores também os retrataram, como Miguel Torga ou Abel Botelho, este último publicou em 1907 um conto obre os Miradouros da Lapa e toda a envolvência social da época.

**O Touro, tem importância nesses caminhos?**

Apesar de a nível territorial saber que os caminhos da Lapa, passam pela freguesia do Touro, concelho de Vila Nova de Paiva, estes não fazem parte do meu plano de investigação. Estão à responsabilidade do meu parceiro investigador Jorge Oliveira Pinto que os estuda e investiga vai para 15 anos. Detenho a convicção que fazem parte de um trilho muito importante neste nosso trabalho de pesquisa dos mesmos. Analisando, o nativo da freguesia do Touro tem um conjunto de vínculos memoriais muito acentuados com o Santuário da Lapa.

O vínculo social e religioso, que o nativo da freguesia do Touro detém de património imaterial com o Santuário da Lapa na atualidade, depreende-se que advém de um conjunto de vínculos memoriais muito acentuados com o Santuário, sendo mais perceptíveis em Junho e Agosto por altura das novenas que se realizam na Lapa.

**“(…) sinalização do caminho, podem ser visionadas nos mais variados sítios; rochas, cruzeiros, fontes, muros e etc.”**

**Pergunto porque a Capela da Senhora do Amparo, no Touro, é tida como o “último ponto de apoio aos peregrinos”, que funcionava sob a égide da Ordem Hospitaleira de Malta.**

Não serei a pessoa mais indicada para responder a esta tão pertinente questão. Certamente que o investigador Jorge Oliveira terá uma resposta mais relevante. Territorialmente pertence à sua linha de investigação.

Apenas poderei contribuir com a informação que um dos últimos Comendadores da Ordem Militar de S. João se encontra sepultado no mausoléu existente na Capela de Santíssimo Sacramento da igreja do Santuário da Lapa em Sernancelhe. É natural que a Ordem de Malta supervisionasse os caminhos da Lapa, na medida que também eram os guardiões dos caminhos de Santiago, e, em muitos pontos da jornada ou troços, o caminho era o mesmo. Também eram eles que davam apoio e geriam os hospitais e as albergarias, cuja localização tinham bastante importância na escolha do caminho.

**Qual a importância desta Ordem na promoção do culto e no desenvolvimento destes caminhos?**

Em contexto histórico esta é uma das questões em aberto e ainda em estudo.

Para se poder responder a essa questão teremos de regredir até ao início da nacionalidade e ao aparecimento das Ordens.

A Ordem de Malta deu continuidade a um caminho espiritual já palmilhado pelos seus ancestrais, os quais não descuraram e até promoveram e reforçaram.

**E cruzam-se estes caminhos com outros de Fé, como o de Santiago ou, no sentido inverso, de Fátima?**

Os caminhos de Santiago e da Lapa cruzavam-se várias vezes e em algumas etapas até eram comuns.

Não podemos falar com rigor sobre dos caminhos de Fátima. O caminho de Fátima é quatro séculos posterior ao da Lapa.

Nos tempos que correm, vão aparecendo algumas correntes de pensamento que defendem que alguns trilhos, dos caminhos ancestrais da Lapa, foram aproveitados para este novo caminho de peregrinação, que é Fátima.

Mas por enquanto não passa de uma teoria, sem comprovação.

**E têm estes Caminhos pendor para voltarem de novo a ser percorridos, tal como acontece na peregrinação de 10 de junho?**

Claro que detêm pendor, como se comprova nos dias que antecedem as peregrinações de 10 de junho, 15 de agosto ou do segundo domingo de setembro, existe muito caminhos e caminhantes a andar até ao Santuário de nossa Senhora da Lapa.

Mas noutras alturas do ano, principalmente no Verão e Outono também já é comum verem-se peregrinos nos carreiros e trilhos da Lapa.

Seria um projeto ganho a reabilitação destes caminhos. Uma das maiores valias para o desenvolvimento e economia destas regiões de baixa densidade.

A movimentação de massas humanas é um recurso de grande valia e que deverá ser tomado como fundamental para início de angariação e reabilitação do tecido humano destes territórios rurais.

Quero acreditar que numa primeira fase seja exploração sem fixação pelos recursos humanos, mas se continuar a haver insistência de circulação de gentes pelo território, toda a economia desses locais, onde passem os caminhantes ou peregrinos e turistas, será positivamente compensado.

Sem esquecer que a necessidade de serviços como estadia e alimentação, entre outras necessidades, fazem aparecer a oferta e como tal é necessária fixação de pessoas aos territórios para os suprimir.

**As juntas de freguesia da região apresentaram uma candidatura conjunta para sinalizar os caminhos e construir uma rede de abrigos. Esta é uma possibilidade?**

Tudo o que possa ser efetuado para o desenvolvimento destes territórios a nível social e económico é uma mais-valia e meritório.

## **“Seria um projeto ganho a reabilitação destes caminhos. Uma das maiores valias para o desenvolvimento e economia destas regiões de baixa densidade.”**

Os elementos constituintes das Juntas de Freguesias são os legítimos representantes daqueles que os elegeram. Compete-lhes zelar pelos interesses dos nativos e dos territórios que de todos lhes são confiados.

Nada conseguimos sozinhos, como tal, efetuar candidaturas conjuntas em qualquer projeto é uma excelente opção, onde existe a possibilidade de todos contribuírem e todos receberem. Um projeto transversal a vários concelhos como os caminhos da Lapa será, sem pejo, uma mais-valia para a região a não descuidar.

**Esta não é uma riqueza extraordinária que deva servir a região e o turismo religioso?**

A concretizar-se, no terreno, seria um projeto ambicioso com elevada possibilidade de ancorar toda esta região das “Terras do Demo” e um exemplo a nível nacional. Não podemos olhar este projeto somente a nível de turismo religioso, mas antes ter uma perspetiva de todo o potencial turístico dele, em virtude da versatilidade e especificidade que advém desta vertente turística, religiosa, cultural, que é o caminhar. Quem lida com esta espécie de turismo sabe que o mesmo se decompõe em vários seguimentos que lhe são inerentes, como o turismo de natureza, turismo cultural e patrimonial, além do gastronómico. Bem gerido, futuramente, poderá por arrasto, englobar um pouco o

de negócios. Traria movimentação para a região, e bem trabalhado a nível de marketing possivelmente atrairia alguns investidores, o que seria mais um ponto a favor de desenvolvimento sustentável a acrescentar à região.

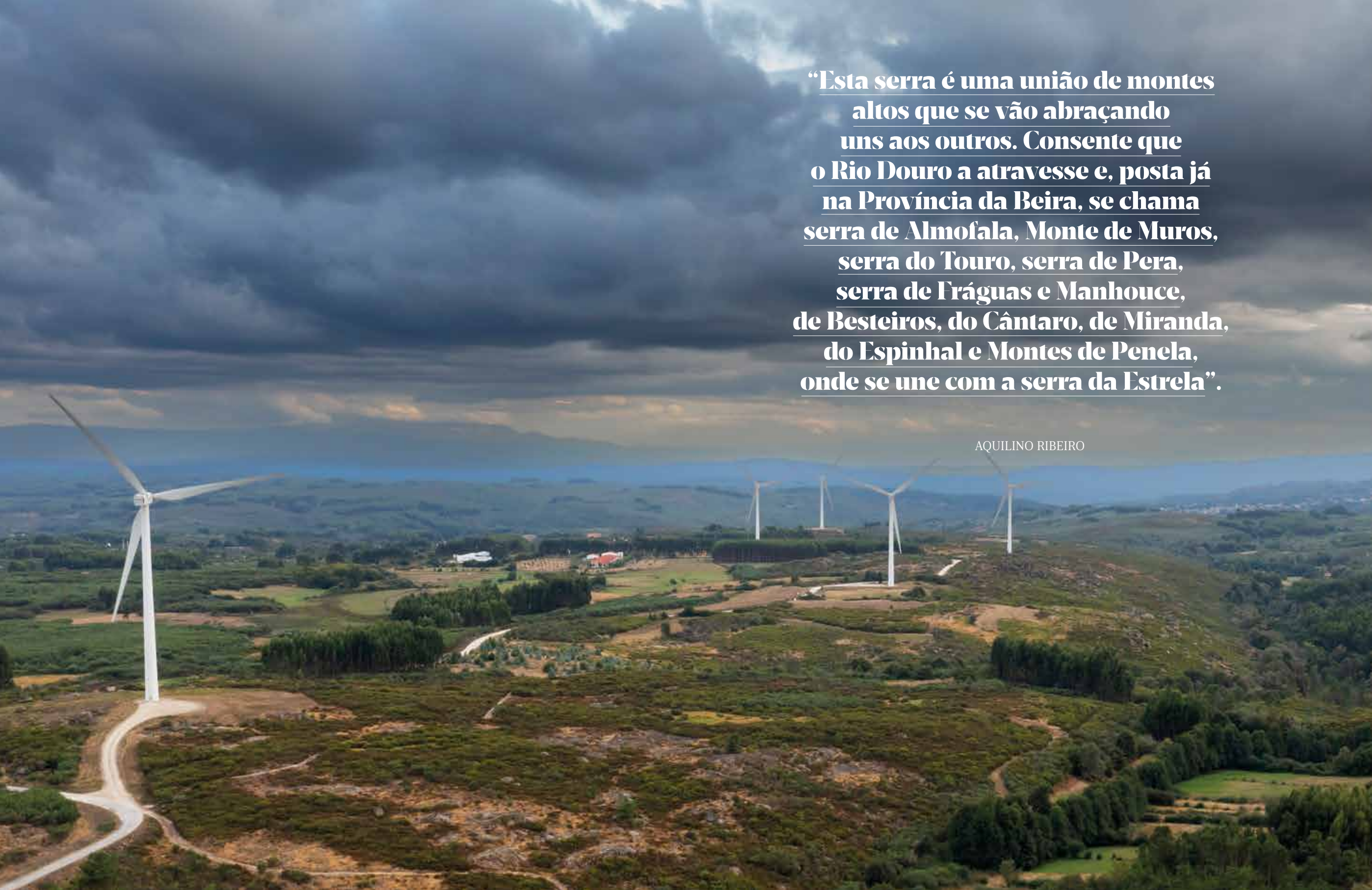
**E com isso receitas para “desencravar” a demografia e o esquecimento?**

Sem dúvida que uma hospedaria, e todo uma panóplia de ideias desenvolvidas em torno dos Caminhos e apoio aos peregrinos e caminhantes seria uma forte aposta inicial.

Ambiciosa, se apoiada por um trabalho sério de retaguarda de investigação e recolha, feito com responsabilidade e com propósitos fixados no alavancar do território. Como bem pergunta, realço que se tratava de um projeto com pernas para andar e com capacidade de estimular todo território. Seria uma tentativa de resguardo contra a ameaça da desertificação destas freguesias, além de um trabalho resguardado para memória futura.

Acredito no potencial desta ideia piloto de reestruturar, no terreno, um dos trilhos dos caminhos, e a mais-valia que seria para as populações afetadas ao projeto em questão, “Caminhos da Lapa”, Caminhos de Fé, Caminho Feminino” ou como os queiram denominar. Possivelmente seria um bonito ponto de viragem no futuro destes territórios!

— (b)

An aerial photograph of a wind farm in a hilly landscape. Several white wind turbines are visible, with one in the foreground on the left and others scattered across the terrain. The landscape is a mix of green fields and brownish, rocky patches. In the background, there are rolling hills and a small cluster of buildings. The sky is filled with dark, heavy clouds, suggesting an approaching storm or late afternoon light. The overall mood is dramatic and scenic.

**“Esta serra é uma união de montes altos que se vão abraçando uns aos outros. Consente que o Rio Douro a atravesse e, posta já na Província da Beira, se chama serra de Almofala, Monte de Muros, serra do Touro, serra de Pera, serra de Fráguas e Manhouce, de Besteiros, do Cântaro, de Miranda, do Espinhal e Montes de Penela, onde se une com a serra da Estrela”.**

AQUILINO RIBEIRO

# Ao nicho do Senhor do Amparo

Texto: Jorge P. Lages in 'Rimas de Outrora', edição de 1995



Nosso Senhor do Amparo  
Amparai a minha fraqueza  
Que minha alma agradece  
Tão divisa gentileza...

Ó meu senhor do Amparo,  
Vêde a argila em que fui feito  
E pl'a Vossa Onnipotência  
Corrigi qualquer defeito...

Nosso Senhor do Amparo,  
Mostrai-nos a Vossa Bondade  
E do barro que nós somos  
Sanai a fragilidade...

O pilar do Vosso trono  
É todo ele de granito  
A apontar rumos ao Céu  
Para além do Infinito.

Quatro colunas sustentam  
O Vosso nicho sagrado  
Com cobertura de pedra  
E aberto de todo o lado...

Foi na Escola ali vizinha  
Que aprendi a soletrar  
As letras do Vosso Nome  
E o Missal do Vosso Altar...

Nosso Senhor do Amparo,  
Amparai os mais Idosos  
Poís o Rosário da Vida  
Tem mistérios dolorosos...

Protegei a Juventude  
Livrai-a de todo o mal  
- Graça, vigor e virtude  
São qual diadema real...

Amparai as Criancinhas  
Quais botões a abrir em flor;  
Que cresçam em vigor físico  
Mas também no Vosso Amor!...

Meu Cruzeiro de Templete,  
Sacro polo de atenções,  
Teu granítico barrete  
Desafia as Gerações... — ①



**Mário Morais Gomes, 90 anos;  
8 filhos; 17 netos; 6 bisnetos e...dois a caminho**

## “Quando chegávamos à capela de Nossa Senhora da Aflição, era cada um por si, não vinha o povo todo junto”

Mário foi “mordomo e pertenceu à Comissão Fabriqueira da Igreja”. Mais de 4 décadas a servir a paróquia, com o Padre Acácio. “Sabia ler e escrever, cuidava das atas da igreja”, diz.

Andou por Santarém, “a estudar”, foi a França “ver a família, a vida sempre muito trabalhosa, na agricultura”.

Da Lapa conhece-lhe “o coração, as peregrinações e as promessas, fiz o melhor que podia, não sei a intenção de cada um, mas todos iam à Lapa com devoção”.

A peregrinação começava com a “preparação da merenda, caminho a pé, pelos carreiros estreitos, saímos do Touro até à Póvoa, 20 quilómetros, virados a S. Martinho, Soutosa, pegávamos na Lamosa e lá chegávamos à Nossa Senhora da Lapa”.

“Em procissão à volta da Igreja, a rezar o terço e lá nos aguentávamos”.

“Grande procissão era a de junho, com novena, muitas pessoas que chegavam pelos caminhos, como era hábito naqueles tempos”.

Em alguns anos “havia cruzeiros e bandeiras, com que os peregrinos davam a volta em procissão da Igreja do Santuário para o recinto das peregrinações”.

“Lá iam as cruzeiros, lanternas e o andor de Nossa Senhora da Lapa, transportado aos ombros”.

Todos a “pedirem a bênção de Deus, a proteção da Virgem Maria, Senhora da Lapa”.

Mário, sentado na lareira da cozinha, na companhia da mulher e da filha, conta que “pediam sustento, proteção para as culturas e saúde”. No final, pediam pela “Virgem Senhora da Lapa” para os “acompanhar até casa e nos caminhos da vida”.

**“A peregrinação começava com a “preparação da merenda, caminho a pé, pelos carreiros estreitos, saímos do Touro até à Póvoa, 20 quilómetros, virados a S. Martinho, Soutosa, pegávamos na Lamosa e lá chegávamos à Nossa Senhora da Lapa”.**

Outra grande peregrinação era em agosto, no final “lá nos juntávamos a compor e a aconchegar a barriga, promessas cumpridas, preces feitas e a certeza de que voltaríamos, para agradecer vida e celebrar a fé”.

“A merenda comia-se no fim da Procissão e quando chegávamos à capela de Nossa Senhora da Aflição era cada um por si, não vinha o povo todo junto. Chegávamos ao Touro pela Cruz das Alminhas”. — (b)

# “Umam vezes íamos a cavalo na burra pela Póvoa, o caminho marcado pelos cruzeiros”

**Maria Anjos Martins, 97 anos, 6 filhos, 14 netos e 16 bisnetos.**

**Augusta Martins, 100 anos**

A manhã amanhece na casa das duas irmãs, “que sempre viveram juntas”, uma casa de granito, no Touro, com o resto das brasas da noite anterior. Maria dos Anjos ainda carrega o luto, pela partida do marido. Augusta apoia-se na ombreira da porta e desfilam memórias.

Como estão? “Vamos vivendo mais uns dias”. E da senhora da Lapa?

“Saíamos daqui, íamos pela Senhora da Saúda, de véspera, a pé, para chegar à Lapa a tempo da novena”, recorda Augusta.

“Por carreiros e caminhos de terra, pedras o que calhava, Cerdeira, Póvoa, pelos lameiros, tojos e lá passávamos por aí fora”, acrescenta Maria.

Naqueles tempos “era uma vida de trabalho, enquanto pequeninas íamos com duas vacas, já maiores, com sete ou oito anos estávamos na belga, sachar, sempre juntas, já nascemos aqui e ainda cá estamos”, desfia Maria dos Anjos.

Das terras “batatas, feijão, cebolas, centeio, que vendíamos para pagar as tendas das tapadass, também era para casa, para o sustento”, aclara Augusta. “Nunca gozámos nada na vida”, desabafa Maria dos Anjos



Sempre “a carregar carqueja para os porcos, galinhas. As vacas ao ganho, algumas vezes o meu pai aflito, quando o meu avô morreu fez-se o inventário, não havia com que se pagar que era um documento muito caro e o cônego Alfredo penhorou uma vaca, emprestou o dinheiro”.

O pai, sabedor dos lameiros e das posses da família, a filha, que “andava na escola, sabia escrever” e anotava, “ali naquela mesa”, apontando para um canto da cozinha.

O pai lá “contou as terras, onde estavam as extremas e eu escrevia, sabe Deus!”.

Por essa altura Maria dos Anjos andava na terceira classe. Mas a ida à Senhora da Lapa “era promessa para cumprir, umas vezes íamos a cavalo na burra, pela Póvoa, o caminho marcado pelos cruzeiros, o povo aos rebanhos, Soutosa, Segões, Lamosa e lá víamos o Miradouro da Lapa”, esmiúça a idosa.

Augusta afere as recordações da irmã. “Lá ficava a fazer a no-

vena, os 9 dias, ali comia e dormia”, acrescenta. “De manhã missa, depois a pregação e bênção e à noite o terço”, escorva Augusta.

“Nove dias na Senhora da Lapa”, diz a centenária que “ia todos os anos, pela novena, pela fé, com as pessoas de casa, ladainha, procissão”. Uma ocasião “levou a sobrinha-neta a cavalo numa burrinha, foi a primeira vez comigo e ainda só tinha comungado uma vez e eu fui falar ao padre para a confessar e ele, ‘anda cá minha menina’, lá a ouviu e deixou comungar”.

Das vezes que ia, Maria dos Anjos, que “poucas vezes ficava nas novenas”, deixa assomar as memórias.

“Íamos em bando, cantávamos, rezávamos o terço, só íamos comer à Lapa, ver a festa, missa, rezar à volta da capela, felizes”.

“O caminho fazia-se bem, com sorrisos ou lágrimas, lá chegávamos em voz alta ou em silêncio, até à gruta e à imagem da Senhora para agradecer e rezar, pedir saúde”, retoma Maria dos Anjos. “Rezar, era um dia bonito, de descanso”. — **(b)**

Burel, a revista do Touro (magazine da Freguesia do Touro) é uma publicação de informação institucional, semestral, editada e produzido pela Junta de Freguesia do Touro.

Tem âmbito universal, ao servir de veículo de comunicação institucional da Freguesia. Por isso é dirigida pelo Presidente em funções, que tem consultadoria para cumprir com esses desígnios, no respeito pelo pluralismo democrático. E não renega, antes louva e elege, a geografia e as Terras do Demo como pertença.

Queremos dirigir-nos ao conjunto da população, que vive e trabalha na Freguesia, que a ela tem ligações ou por ela sente afinidade, dedicando atenção à informação local, tendo em conta as tradições, a diversidade e a evolução contínua da Freguesia. Progresso com tradição e origem. O conteúdo é definido com profissionalismo, rigor, espírito crítico e honestidade intelectual. O objetivo primacial é divulgar as informações pertinentes para o conhecimento da Freguesia, enquanto local de vivência e usufruto.

Tem edição semestral, sempre dedicada a um tema que integre as vivências da freguesia e que sirva para nos erigir numa identidade comum, a das Gentes do Touro, terra de Boa Sorte, e tem por lema “Terra fértil, gado e caça”, no feliz desígnio do Cônego Fonseca da Gama. Não renegamos quem somos, nem recusamos futuro que não possamos alcançar. Por isso se destina a todos os Tourenses, os que vivem na Freguesia e os da diáspora, os que por cá passam e os que por cá ficam. E os que cá voltam.

**“As ruidosas romarias, de grinaldas,  
arcos, fogo e músicas,  
as mais concorridas desta região,  
eram as da Lapa(...).  
Precedida de novena pegada,  
piedosa e devota, atraía muita gente  
de longes terras, que fizera o voto  
de assistir à novena,  
como se estivesse em retiro.  
Na 2ª feira da Páscoa  
(ou na 3ª feira) iam à Lapa,  
numa espécie de “ladainha menor”,  
porque a maior e mais solene,  
que metia pendões, a “cruz grande”  
– como lhe chamam – e pálio,  
essa era na 2ª feira da oitava  
do Espírito Santo.**

CÓNEGO FONSECA DA GAMA

**Adomingueiros**  
**Avesseira**  
**Cerdeira**  
**Lage Gorda**  
**Póvoa**  
**Touro**  
**Viduinho**

---

JUNTA DE FREGUESIA DE TOURO  
R. Cónego Alfredo Ferreira Morais Martins  
TOURO

E.: [freguesiadotouro@hotmail.com](mailto:freguesiadotouro@hotmail.com)  
T.: 232 602 304